

# “OS TRABALHOS ARTÍSTICOS NÃO SÃO PRODUTOS DO INCONSCIENTE”<sup>1</sup>

(Pontuações do livro de Collete Soler “A Psicanálise na Civilização”)

Sonia Coelho<sup>2</sup>

Lendo essa afirmativa “Os trabalhos artísticos não são produtos do inconsciente” me perguntei mais uma vez sobre o lugar da arte para o tratamento psicanalítico. Em que o estudo dos escritos de personagens literárias, especialmente a leitura de Ulisses de James Joyce, tão citado por Lacan em toda a sua obra, nos interessa, especialmente quando diante da ‘estrutura psicótica. Resolvi dialogar com o texto de Soler, e trazer para esta jornada, essas questões.

## 1. O que Freud fez com a literatura?

**Soller:** “nos artistas ele viu seus precursores e nos textos literários a oportunidade de validar o método analítico”... Encontrou na ficção uma antecipação da descoberta do inconsciente...

O neurótico é aquele que parece copiar a fabula ao narrar sua historia-o romance familiar- para dizer que sua fantasia é estruturada como um romance. Entretanto ele entrou na psicanálise aplicada ao tratar do “savoir-faire” do artista como equivalente do que ele **próprio chamou de o trabalho do inconsciente**, colocando as obras artísticas e literárias no mesmo nível dos sonhos, lapsos, atos falhos e dos sintomas -todos estes interpretáveis.

---

<sup>1</sup> XI Jornada Freud-Laciana, 02 e 03.12.2005, Hotel Best Western Manibu,

<sup>2</sup> Psicanalista, membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: sc.recife@hotmail.com.

## 2. Lacan? Como viu a obra literária?

**Lacan** inverteu a posição freudiana. O texto escrito não deve ser psicanalisado é o psicanalista que deve ser bem lido. **A psicanálise não se aplica à literatura.**

O recurso de Lacan à literatura segue estritamente seu recurso à linguística. **“Os trabalhos artísticos não são produtos do inconsciente”** é bem possível interpretar um romance ou poema- isto é compreendê-lo, porem este sentido não tem nada a ver com a criação do próprio trabalho.

## 3. Seguindo Lacan, como a literatura pode ser um sintoma?

“A literatura serve como um veículo de Gozo, gozo do significado- em outras palavras , do Imaginário”.

O sintoma **inventa, escolhe, seleciona**, o termo singular que não é programado pelo Outro e que fixa o gozo. Neste sentido a criação- a verdadeira criação que produz uma novidade radical- **é um sintoma**, e o artista criador está sempre sem pai. “O artista é filho de seu trabalho”

## 4. Mas se a operação analítica não é uma operação linguística, como a linguagem opera sobre o sintoma?

**S** “A questão é saber como o uso literário da linguagem pode ser denominado de um sintoma. A **criação literária** pode ser um sintoma porque o sintoma é por si só uma **invenção**. E criar é trazer algo á luz lá onde antes não havia nada, embora nada já implique em um lugar, e não há lugar sem o simbólico e suas marcas, toda marca simbólica engendrando como vazio o lugar que ele cria,. **Toda criação supõe que o simbólico suscitou uma falta no Real, onde por definição —nada pode faltar.** A criação traz alguma coisa à luz lá onde nada existia, exceto um buraco que não é nada. Este vazio é constatado em todos os níveis da experiência analítica: como falta do sujeito, sendo o efeito inicial da fala, transformar o vivente no sujeito do querer-ser simbolizado por nós pelo- menos fi- da castração”.

## 5. Qual a afinidade entre psicose e criação artística, notadamente a literária, convocada por Lacan desde sua tese sobre a paranoia de autopunição?

”Pode-se conceber que a falha do Simbólico que a forclusão descobre se traduza, de um lado, em efeitos desorganizadores, designados com o termo “perda da realidade” mas que por outro funcione como um starter para produções inéditas”. Elas nem sempre chegam ao sumo da arte, mas todas são o traço de que a **forclusão** libera um efeito que podemos chamar de “empuxo à criação”.

## 6. Como pensar a escrita de Joyce então?

“Lacan reconheceu em Joyce aquele que levou esse empuxo até seu limite extremo identificável, até a função do sintoma, uma vez que dá o salto do Simbólico ao Real. Ele foi artesão de si mesmo, tanto de seu nome como de sua saúde, o senhor da letra, demiurgo de uma linguagem sem Outro, de uma arte inteiramente neológica que brilha com a ocultação de um gozo estranho e fora de sentido.”

## 7. O que isto quer dizer de forma mais simples?

Significa que como todo escritor ele goza de escrever, mas que sua escrita preenche a função de sintoma. Ele atinge a um o gozo da letra, **fora do sentido**, desconectado do Outro e dos efeitos de comunicação. “O sintoma implica que ele publique, pois é através disso que de seu sintoma da letra ele faz um nome pelos séculos, assim ele acreditou, corrigindo então a falta do Imaginário pelo qual foi afetado”.

Sintoma não analisável; ele é em seu próprio **gozo fechado aos efeitos de sentido**, ou seja, ele é fora da transferência, e a psicanálise é precisamente uma prática que opera através do sentido. Ela assume que o sujeito permita a ele próprio ser seduzido e cativado pelo significado, como efeito da articulação significante. **A escrita**

**de Joyce é destruidora da linguagem.** Ele desfaz os elementos da língua. Não respeita nem o Outro, nem a língua”.

#### 8. E por onde passa essa questão de ver psicose na obra de Joyce? Como Lacan fundamentou essa questão?

São dois pontos diferentes em que ele suspeitou da tal ‘estrutura’ O sintoma literário e o abandono do corpo próprio. O principal é a sua maneira de tratar a língua até o ponto que realiza o simbólico, isto é, considerando a linguagem como o campo do Simbólico, Joyce o eleva á dignidade do sintoma, á dignidade do Real. **O Simbólico que se encontra no Real ou que se torna Real é a definição de psicose segundo Lacan.** Em Joyce da expulsão do sentido resta somente um pequeno vestígio: **o enigma.** Trata-se de um procedimento metódico de **forclusão de sentido.** O outro ponto é a relação com o próprio corpo. O sentido esta sempre ligado ao Imaginário do corpo, e a expulsão de sentido faz supor que não há enlace do Imaginário com o Simbólico. **Mas o Imaginário é a consistência do corpo e não devemos reduzi-lo ao estágio do espelho, à imagem do corpo, pois tanto no RSI como no Sinthoma, Lacan evoca o corpo em termos de superfícies e de orifícios. Não o evoca em termos de forma mas de saco, o corpo é um saco com orifícios em que objetos vêm desempenhar seu papel eventualmente de tampões o que permite entender que é um Imaginário relacionado com o objeto ‘a’ como consistência corporal.** O incorporal da literatura joyceana ocorre porque entre Real e Simbólico trata-se de um gozo que não é do corpo mas da letra.

#### 9. E Joyce desabonado do inconsciente, o que significa?

“O sintoma faz objeção ao sentido comum. O neurótico em seu sintoma esta **parcialmente desabonado do seu sentido comum.** Quando Lacan disse que Joyce é um desabonado do inconsciente significa que é um **desabonado voluntário, diligente e consciente de sê-lo. Seus personagens lutam contra o obvio, o sentido comum, o**

**consenso ou acordo. Da às palavras um valor além do dito no contexto usual.”**

**Tento concluir**

**Tudo isto na pratica de nossas escutas, como pode ser utilizado?**

É ponto de acordo entre vários colegas que nas psicoses publicar significa entrar em correlação com o leitor e vale como articular um segundo significante, permitindo a reconstrução de uma cadeia rompida. Mas na escuta o psicanalista, ocupa-se também o lugar de leitor?

A grande diferença é que nas análises desses pacientes, além do surto já ter surgido, a transferência presente é um elemento que conta. Lidamos com a tal *Verwerfung* de fato, ou de sentido como no caso especial de Joyce?

A tese da escuta de apresentação de doente defende que o publico faz o segundo significante. Lacan no Seminário do sintoma refere-se ao artesão assim: “S2, aí está o artesão: o artesão enquanto que pela conjunção de dois significantes, ele é capaz de produzir o que agora a pouco chamei de objeto ‘a’ minúsculo.”

Gostaria de ouvir quem trabalha com esta ‘estrutura’ e que experiências podem confirmar ou não estas imensas teorias...